

Comunicação como utopia? Uma análise crítica da utopia da Comunicação



Carolina Dantas de Figueiredo

*Doutora em Comunicação (UFPE)
Professora da Faculdade Vale do Ipojuca - Caruaru (PE) e
das Faculdades Integradas Barros Melo - Olinda (PE)
E-mail: caroldanfig@gmail.com*

Em busca de uma crítica à utopia da comunicação

As inovações tecnológicas e as descobertas científicas ocorridas desde finais do século XIX têm trazido alento e esperança para a humanidade. O século XX começa com a confiança de que as novas técnicas carregariam consigo a possibilidade de um mundo melhor. Técnica e ciência avançavam sem que se discutissem adequadamente suas implicações éticas, mas apenas sua instrumentalidade. Coube às Guerras Mundiais levantarem desconfiças sobre a técnica. Este sentimento se manteve durante a Guerra Fria, mas foi aos poucos sendo desfeito em face de uma conjuntura aparentemente mais pacífica e de inovações constantes. Com o colapso da União Soviética, a desconfiança dá lugar a um amplo entusiasmo que se mantém, pelo menos, até a primeira década do século XXI.

Ao longo deste processo, os estudos em comunicação têm assumido características de euforia ou ceticismo em relação à técnica. Pode-se dizer que a primeira postura está mais vinculada aos estudos norte-americanos, especialmente à Escola de Chicago, e o segundo aos estudos europeus, oriundos da

Resumo: A ênfase nas benesses da tecnologia e nas mudanças que elas provocam no campo da comunicação tem desviado o foco das ameaças que ela pode apresentar. Em função disso, e como forma de alerta, mencionam-se aqui possíveis características distópicas da comunicação em oposição ao discurso utópico que prevalece nos estudos contemporâneos de comunicação.

Palavras-chave: *Comunicação, utopia, distopia, tecnologia.*

Communication as a utopia?

A critical analysis of the communication utopia

Abstract: The emphasis on the technology benefits and the changes they cause in the field of communication has eviated the focus of the threats it may present. As a result, and as an alert, we mention possible dystopian characteristics of communication opposed to the utopian discourse which prevails in the contemporary communication studies

Keywords: *Communication, utopia, dystopia, technology.*

Comunicación como utopía?

Un análisis crítico de la utopía de la comunicación

Resumen: El énfasis en las bendiciones de la tecnología y los cambios que provocan en el campo de la comunicación ha desviado el foco de las amenazas que ella puede presentar. Como resultado, y como advertencia, mencionamos aquí posibles características distópicas de la comunicación en oposición al discurso utópico que prevalece en los estudios contemporáneos de comunicación.

Palabras clave: *Comunicación, utopía, distopia, tecnología.*

Escola de Frankfurt; respectivamente integrados e apocalípticos na classificação Eco (1993). Analisando a comunicação ao longo do século XX, Breton (1994) trata o otimismo como “utopia da comunicação”. Segundo

Os discursos que tratam da comunicação distópica são tornados secundários em comparação aos que a tratam utopicamente



ele, o projeto utópico se dá em três níveis: a emergência de uma sociedade melhorada ou ideal, a redefinição antropológica do homem e a promoção da comunicação como valor. Todos os níveis são articulados em torno do tema do homem novo, o *Homo communicans*, conceito que toma de Wiener (Ibidem).

Ao contraponto da utopia, à descrença na melhoria das sociedades via comunicação e no *Homo communicans*, chamaremos de distopia da comunicação. Para os frankfurtianos, as Guerras e o Holocausto eram provas vivas de que o argumento da técnica conduziria as sociedades modernas à barbárie. De fato, a tecnologia havia trazido melhoras inquestionáveis, porém, com a centralidade atribuída à razão, a liberdade e a vida, que técnica deveria ampliar e defender, poderiam ser ameaçadas. Por mais consistentes que fossem estas preocupações, elas parecem longínquas com a ampliação da democracia no ocidente e com o avanço da própria técnica. Politicamente, dois movimentos levam à visão utópica da comunicação: o neoliberalismo, que defende ferrenhamente a democracia, para que as engrenagens do capitalismo funcionem, e a estruturação de um pensamento que defende a comunicação livre como direito, já que o acesso ela é um dos fundamentos dos sistemas democráticos.

Pressupõe-se que, num regime legalmente constituído, as informações fluirão livremente, sendo tanto seu acesso quanto sua produção direito comum.

Saem de cena os trabalhos que relacionam diretamente a comunicação de massa às classes dominantes e aos governos totalitários e avolumam-se os que a colocam dentro de uma perspectiva democrática. Com isto, os discursos que tratam da comunicação distópica são tornados secundários em comparação aos que a tratam utopicamente. O que leva a crer que a euforia em relação às possibilidades das tecnologias comunicacionais tem feito muitos pesquisadores ignorarem os cuidados que devem ser tomados para que a liberdade e a interatividade que estas tecnologias prometem sejam realmente possíveis.

Não se pode dizer, contudo, que tal corrente seja hegemônica. Primeiro, porque os trabalhos que tratam da comunicação contemporânea favoravelmente não são uniformes entre si. Segundo, porque há autores que se contrapõem à visão utópica, fugindo do discurso recorrente e legitimado. Não há então hegemonia, mas prevalência, por assim dizer, dos estudos sobre a utopia da comunicação; prevalência de um projeto fundamentado nas tecnologias e nas melhorias sociais e individuais que elas prometem. A euforia provocada pela introdução de tecnologias comunicacionais não só advém das suas potencialidades, mas também da remodelação de sociedades e sistemas políticos em função dos meios e processos emergentes.

É neste otimismo com as tecnologias da informação e comunicação, particularmente com a internet, que jaz a utopia da comunicação, pois parte-se da crença que as novas tecnologias seriam, por si só, capazes de diminuir distâncias entre as pessoas e de promoverem uma consciência igualitária. Dentro deste pensamento, as tecnologias de comunicação contemporânea poderiam instaurar uma nova era de liberdade de expressão e acesso à informação. Este discurso se torna parte do senso comum e compõe

os estudos contemporâneos de comunicação, que abrem mão de discutir os riscos da tecnologia e as possibilidades de controle que ela instaura para tratar exclusivamente do seu potencial de integração social. Autores como Castells (2006), Baudrillard (1996), Mattelart (1996) e Sfez (2000) são alguns dos que adotam uma distância crítica da perspectiva utópica, mesmo assim, a visão otimista parece prevalecer tanto nos estudos quanto no senso comum sobre a comunicação.

O fundamento da discussão sobre as possibilidades da comunicação tem sido o relatório MacBride (UNESCO, 1983), documento produzido pela UNESCO, em 1976. Nele, formula-se o papel da comunicação como base da sociabilidade e a importância dos avanços tecnológicos neste campo. O relatório tem um caráter político e indica que as principais funções da comunicação nas sociedades contemporâneas são: (1) possibilitar ao indivíduo a coleta de informação; (2) socialização, através da integração do indivíduo à sociedade; (3) motivação, com o estímulo a atividades individuais ou coletivas; (4) debate, diálogo e troca de informações; (5) educação e transmissão de conhecimentos; (6) promoção; (7) entretenimento; e (8) integração social e acesso à diversidade de informações.

O documento deixa claro que “só é possível uma ordem social melhor mediante a compreensão e a tolerância, que dependem em grande parte de uma comunicação livre, aberta e equilibrada” (UNESCO, 1983:421). Tal assertiva revela o discurso utópico que se estende, quase sem alterações, até o século XXI. Em termos gerais, o relatório se presta a “dar voz aos que não a têm” (Dalmonte, 2007:137). Note-se que o relatório MacBride pode ser considerado, por seus argumentos, uma espécie de síntese da perspectiva utópica da comunicação, o que é relevante não apenas como formulação explícita de um *Zeitgeist* acerca da comunicação, mas também porque agendou os debates políticos e mesmo teóricos sobre o tema nas décadas

seguintes. Embora a questão da técnica tenha se modificado profundamente, os objetivos utópicos da comunicação formulados no documento da UNESCO parecem ainda longe de ser superados.

● O labirinto do indivíduo nas redes de comunicação

A utopia da comunicação arvora a si mesma ares de revolução. Mas qual seria a revolução que ela efetivamente é capaz de produzir? A participação total do sujeito, se alcançada, é sem dúvida um elemento inédito, especialmente considerado-a em oposição ao paradigma estabelecido pelas mídias de massa tradicionais. Do mesmo modo, a onipresença das tecnologias comunicacionais, que integram a intimidade e a vida social, também é um dado relativamente recente. Porém, cabe aqui a ressalva de Breton (1994:118): “será a utilização, mesmo massiva, das técnicas neste domínio [da comunicação] razão suficiente para falarmos de ‘sociedade da comunicação’”? O próprio autor indica como responder a esta pergunta, destacando que a relação entre as grandes técnicas de comunicação e o contexto social é algo que deve ser continuamente discutido. Considerando-se aspectos meramente técnicos, a utopia da comunicação poderia ser possível, mas, como o autor alerta, deve-se pensar nos processos sociais que estão por detrás dela e nas implicações destes.

Ainda levando-se em consideração a liberdade dos sujeitos como fundamento da utopia comunicacional, caberia questionar quais motivações os levam a escolher certos conteúdos em detrimento de outros. Observando-se o comportamento dos usuários das novas mídias, nota-se que o agendamento de determinadas informações persiste. Basta entrar nos sites de busca, portais jornalísticos, *blogs* ou redes sociais para perceber a recorrência de certos assunto, palavras, notícias ou *tags*, o que aponta para um nivelamento dos indivíduos sob os mesmos parâmetros informacionais. Contudo, o simples com-

partilhamento de conteúdos não consiste em interação, mas pelo contrário, pode indicar o acesso por receptores que, ao invés de avaliarem as informações criticamente ou produzirem novos conhecimentos a partir delas, cuidam apenas de replicá-las infinitamente. Assim, as novas mídias têm tanto potencial totalizante quanto as antigas.

A questão que se apresenta é se, de fato, a comunicação nesta primeira metade do século XXI poderá fomentar a democracia. Boa parte dos argumentos apresentados pelos utopistas está fundamentado em argumentos tecnológicos que se referem à acessibilidade e à oferta das mídias em larga escala. Não se pode descartar a validade disto, pois democracia e acesso à informação são absolutamente inseparáveis. Contudo, seria precipitado tomar o acesso geral à informação como pressuposto, já que, na prática, isto ainda não acontece, assim como imaginar que a tecnologia por si só seria capaz de ampliar as possibilidades e o alcance da democracia.

Retorna-se com isto a um ponto primordial: a comunicação caminha inexoravelmente para a utopia? De fato, responder a esta pergunta seria um exercício vazio de futurologia. Seja como for, a comunicação não pode ser vista unicamente como panaceia para os males da humanidade. Embora teóricos como Pierre Lévy (1999) tratem de uma nova forma de democracia a partir da apropriação das tecnologias virtuais, nada garante que o potencial democrático do ciberespaço será efetivado, pois mesmo as interações nele realizadas podem ser padronizadas e massificadas. Daí que, para a efetivação da perspectiva utópico-democrática da comunicação, é necessário que haja uma reflexão mais ampla sobre a comunicação contemporânea, as novas mídias e suas implicações. Trata-se de abrir mão da oposição radical entre utopia e distopia para perceber o limite, às vezes tênue, entre comunicação e controle.

Mais explicitamente, a utopia da comunicação é assombrada por três riscos: o primeiro, é que o capitalismo se transforme num

tecno-utopismo abstrato e, como consequência, que as novas mídias sejam fetichizadas, tomadas como coisa em si e que os seus processos e implicações sejam ignoradas (Redmond, 2002:14). O segundo é a alienação do seu caráter ideológico. O terceiro é que, focando-se unicamente a técnica, a utopia da comunicação perca o indivíduo de vista. Nota-se então que, com a prevalência do discurso utópico e as fragilidades que ele apresenta, é necessário buscar na distopia o seu contraponto, um outro posicionamento que se distancia da utopia por ser cético em relação à técnica, à democracia e mesmo ao sujeito. Busca-se, com o retorno à distopia, uma verdade além daquela estabelecida pelas fronteiras do campo da comunicação na contemporaneidade. O pensamento distópico não é menos válido do que o utópico, apenas teve sua força reduzida frente a uma conjuntura mais ampla.

Centrando o foco na técnica, a utopia da comunicação corre o risco de perder o indivíduo de vista. Breton (1994) comenta que o sujeito revolucionário não poderia jamais emergir espontaneamente na sociedade industrial, pois ele já nasce configurado para o trabalho via racionalidade, alienado de si mesmo. A postura crítica, sim, poderia ser gradualmente libertadora. Apenas a subjetividade autônoma seria capaz de provocar transformações sociais efetivas. Daí decorre que não é o potencial revolucionário que as tecnologias contêm que seria capaz de modificar os sujeitos, mas a aquisição de uma subjetividade autônoma por meio da crítica. Solução para isto seria a interação, elemento inédito oferecido pelas novas técnicas.

Stockinger (2004:3) afirma que o impacto das tecnologias na vida social deve ser compreendido na medida em que estas modificam a vivência dos sujeitos e sua relação com o mundo. Na sua perspectiva três investimentos primordiais devem ser feitos pela sociedade para a compreensão dos caminhos da comunicação: (1) entender os princípios das tecnologias da comunicação

e da informação; (2) associá-las aos conhecimentos científicos, às linguagens que lhes dão suporte e aos problemas que se propõem solucionar; e (3) entender a natureza das tecnologias da informação como integração de diferentes meios de comunicação, linguagens e códigos, bem como a função integradora que elas exercem na sua relação com as demais tecnologias. Para o autor há um movimento multidirecional entre sociedade e tecnologia. A comunicação deixa de ser linear nas novas tecnologias para se dar em rede. Contudo, na rede, a interação entre os sujeitos é polissêmica, sendo da diferença entre os atores que a individualidade de cada um emerge. Esta é uma visão possível da interação nas novas tecnologias pois pressupõe, além de diferentes vozes e significados, uma ampla possibilidade de disputas, conflitos e consensos entre eles. A utopia da comunicação é então necessariamente dialógica pois nela o indivíduo participa integralmente do processo comunicacional.

Perspectivas das novas tecnologias

Para Deleuze e Guattari (apud Vargas, 2007:70) as tecnologias digitais emergem de uma certa cultura e formação social e se encontram em uma fase ilusória. Ao mesmo tempo, os interesses políticos irrompem na tecnologia e lhe dão forma, pois ubicam a ampla gama de desenvolvimentos e usos possíveis. Esta fase ilusória que os autores mencionam seria a fase da tecnologia, de exultar os sonhos tecnológicos como placebo para a humanidade. Uma das coisas que possibilitou o avanço desta utopia foi a crença, bastante recorrente, de que as tecnologias de informação são alheias a um posicionamento ideológico (Ibidem).

A utopia informacional tem origens na própria teoria da informação. Como Sfez (2006) comenta, o ideal da tecnologia é ajudar a humanidade a harmonizar-se, proporcionar uma vida pacífica e feliz. Esta esperança do pós-guerra se estende até os dias de hoje, tendo sido acrescida de novas ca-

racterísticas na medida em que as inovações surgem. Desde o aparecimento da teoria matemática da informação, de Shannon e Weaver, seguiram-se uma série de comentários



Os excluídos da comunicação, do ciberespaço, do consumo e da tecnologia se rebelam e reagem violentamente à exclusão

de caráter humanista sobre o potencial das tecnologias e seus impactos na comunicação, avançando especialmente com a digitalização dos meios. Não se pode dizer que os entusiastas da tecnologia não tivessem razão, o problema foi colocar a tecnologia acima dos indivíduos e dos processos sociais de forma fetichizada.

O risco disso, para Breton (Ibidem:139), é o de estarmos encerrados num mundo binário em que a única alternativa à comunicação normativa é a violência, a desordem e o sentimento de exclusão. Para o autor a “sociedade da comunicação” utopicamente prometida ainda não chegou, mas a frustração que gerou desempenha, sem dúvida, um papel essencial na escalada dos extremismos. Como consequência, os excluídos da comunicação, do ciberespaço, do consumo e da tecnologia se rebelam e reagem violentamente à exclusão. Martins (2007), de forma análoga, considera o discurso da comunicação uma das fábulas que acompanham o sujeito, após o crepúsculo da metafísica. Para evitar incorrer nestas fábulas, os estudos de comunicação devem atentar não só às be-nesses, mas aos ricos e implicações das novas tecnologias, de modo a situar o sujeito no novo espaço, ou melhor, ciberespaço, comunicacional.

(artigo recebido set.2011/ aprovado nov.2011)

Referências

- BRETON, Philippe (1994). *A Utopia da Comunicação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ECO, Umberto (1993). *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva.
- CASTELLS, Manuel (2006). *A Sociedade em Rede: A Era da Informação*. Paz e Terra: São Paulo.
- DALMONTE, Edson Fernando (2007). *Inovações tecnológicas, Webjornalismo e fluxos informacionais: entre novas possibilidades e velhos ideais*. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, vol. 30, nº 1, pp. 129-149, jan./jun. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/3237/3046>. Acesso em: 16/11/2008.
- LÉVY, Pierre (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.
- MARTINS, Francisco (2007). *Cyberspace e os sujeitos da interatividade*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: http://www.compos.org.br/files/17ecompos09_FranciscoMenezes.pdf. Acesso em: 16/11/2008.
- REDMOND, Dennis (2002). *Adorno's Negative Dialectics as Multinational Marxism*. Disponível em: <http://www.efn.org/~dredmond/admm.PDF>. Acesso em: 16/11/2008.
- MATTELART, Armand (1996). *A invenção da comunicação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- STOCKINGER, Gottfried. (2004). *Caminhos da comunicação contemporânea*. Revista Eletrônica E-Compós. ed. 1, dez. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/4/5>. Acesso em: 16/11/2008.
- UNESCO (1983). *Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- UNESCO (2000): *Small media, new voices*. The UNESCO Courier, nº 2, fev. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001187/118789e.pdf>. Acesso em: 18/12/2008.
- VARGAS, Georgina (2007): *El acceso universal digital: utopia discursiva*. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, vol. 30, nº 2, pp. 67-78, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/3314/3123>. Acesso em: 16/11/2008.